



A PRESENÇA DO ONIPOTENTE: TEOLOGIA NATURAL E FÉ CRISTÃ

The presence of the Omnipotent: Natural Theology and christian faith

Victor Cosson Mota de Andrade*



* Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Pós-graduando em Aconselhamento Bíblico pela FBC.

Contato:
vicsandrade@hotmail.com.

RESUMO:

O presente ensaio tem o objetivo de apresentar o conceito de teologia natural através da exposição da fé cristã e sua relação com revelação a partir da perspectiva de Karl Barth em diálogo com Alister McGrath. Partindo da crítica de Barth à teologia natural e suas consequências, examinaremos a atualização do conceito a partir de McGrath, juntamente com seus pressupostos ao convergir teologia natural e a fé cristã.

Palavras-chave: Teologia Natural, Fé cristã, Karl Barth, Alister McGrath, Natureza.

ABSTRACT:

This essay aims to present the concept of natural theology through the exposure of the Christian faith and its relationship with revelation from the perspective of Karl Barth in dialogue with Alister McGrath. Starting from Barth's critique of natural theology and its consequences, we will examine the updating of the concept from McGrath, along with its assumptions in converging natural theology and the Christian faith.

Keywords: Natural Theology, Christian Faith, Karl Barth, Alister McGrath, Nature.

1 – INTRODUÇÃO

O fim do século XIX e início do século XX foram marcados por diversas transformações e reviravoltas, seja no campo social, econômico, cultural e até mesmo teológico. Ao final do século XIX a revolução científica, o racionalismo, o ceticismo e o liberalismo teológico imperavam por toda Europa e Américas, contudo, com o advento da primeira e segunda grande guerra mundiais, a necessidade de esperança e o apelo as crenças voltaram à tona e, trouxeram consigo uma alternativa para a insatisfatória resposta materialista, segundo a qual todos os atributos da realidade podem ser sintetizados pelo mundo sensível, resumidos aos fenômenos visíveis e à matéria verificável.

A concepção imanentista de mundo não era mais suficiente e os olhares e mentes se voltavam para uma resposta transcendente. O liberalismo teológico sofreu algumas reações, primeiro da teologia dialética e, posteriormente, alguns ataques do fundamentalismo (volta à ortodoxia). A teologia dialética, ou teologia da crise, teve entre seus principais proponentes Karl Barth, teólogo reformado suíço considerado um dos maiores pensadores religiosos do século XX.

Apesar de iniciar seus estudos ainda imerso no liberalismo teológico, Barth logo se desvinculou do movimento, partindo, então, para uma nova abordagem, posteriormente conhecida como teologia dialética, que entendia Deus não como uma simples parte do mundo dos fenômenos, mas como Ser infinito e soberano, “totalmente outro” que só pode ser conhecido quando se revela, entretanto, devido ao pecado e a própria finitude humana, a revelação só pode ser assimilada através da síntese como sendo um paradoxo entre o Criador e a criatura, pois sempre haverá uma distinção ontológica e qualitativa entre Deus e o homem, infinito ao finito, Santo ao pecador. Essa constante tensão entre revelação e conhecimento, Deus e homem e graça e julgamento podia ser vista em suas análises.

Na segunda grande guerra mundial Barth se tornou líder da Igreja Confessante da Alemanha, que era completamente opositora ao regime Nazista de Hitler. Suas inquietações teológicas ainda produziram diversas obras, como seu famoso comentário da Carta aos Romanos e sua *Magnum Opus*, a *Dogmática Eclesiástica*. Com mais de 9 mil palavras e dividida em vários volumes (infelizmente inacabada), em sua *Dogmática Eclesiástica* Barth refletiu acerca dos mais variados temas, e, é a um deles que daremos atenção especial neste ensaio: Teologia Natural e a Revelação.

Posterior a Karl Barth e distante de todas as intrigas sociológicas e teológicas da primeira metade do século XX, mas imbuído das mais difíceis temáticas pós-modernas que vieram de brinde com a pluralização e globalização pós-guerra fria, a segunda metade do século XX e início do século XXI trouxeram à tona novamente o tema da Teologia Natural e, com ele, outro grande teólogo, o ex-ateu e apologista cristão Alister McGrath.

Anglicano formado em Oxford, o Dr. McGrath é considerado um dos mais influentes pensadores cristãos da atualidade. Sua teologia da ciência buscou revisitar o tema da Teologia Natural em diversas obras e, de modo mais específico, a responder as diversas críticas levantadas contra a ela. Com sua nova abordagem, McGrath se tornou a mais importante voz acerca desse tema na contemporaneidade.

O intuito do ensaio não é trazer a resposta final em relação à temática, mas busca elucidar questões relacionadas à revelação corroborando com a análise de Barth e McGrath sobre Teologia Natural. Iniciaremos com as definições apresentadas por Barth e McGrath e posteriormente as suas respostas às críticas e inquietações, analisando em todo o decorrer do ensaio as diversas posições acerca da Teologia Natural.

2 – SEGUINDO AS MIGALHAS DE PÃO

“Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Salmo 19:1 ARA).

Conhecer a Deus e ler a realidade criada é um exercício que vem sendo debatido por diversos teólogos cristãos através dos séculos. Alguns duvidam da capacidade de conhecê-lo sem uma mediação direta, outros argumentam que a única mediação necessária é a razão que o homem possui e a natureza que revela as obras de suas mãos como pistas que apontam para uma realidade além da material, semelhante ao antigo conto de fadas infantojuvenil onde João e Maria espalham migalhas de pão ao adentrarem na floresta para não perderem o caminho de casa.

Alguns teólogos liberais redefiniram o fator do pecado humano ou entendiam que a natureza pecaminosa herdada de Adão não afetava tão profundamente assim as faculdades lógicas do homem ao ponto de torna-lo incapaz de reconhecer a Deus. Mas,

em suas proposições, muitos deles enxergavam uma capacidade inata no homem de conhecer e buscar a Deus, não tendo nenhum ou pouco prejuízo epistemológico. Contudo, a atmosfera do pecado é muito mais transgressora e, como no conto de João e Maria, as migalhas foram comidas por corvos, isto é, a realidade do pecado na natureza humana é tão radical que o homem ficou perdido em um estado inábil, confuso e impossibilitado de reconhecer por completo o Senhor, como diz em Romanos 3:9-10.

Debatendo acerca do conhecimento do Deus em sua *Dogmática*, Barth entendia que o ápice, ou o resumo claro do conhecimento cristão, estava na pessoa de Jesus Cristo, no Verbo encarnado, a Palavra em carne, sendo essencial para o homem uma interferência divina para que ele pudesse conhecer a Deus. Logo, para Barth, a principal interferência foi a encarnação do Verbo.

Outros, contemporâneos a Barth, como o teólogo católico Karl Rahner, enxergavam referenciais transcendentais e uma potencialidade tão forte no homem à obediência, chamada de “revelação transcendental” e ao conhecimento de Deus, ambos incutidos pelo próprio Deus na natureza humana. Não algo inato como a posição liberal, mas guiado ou sinalizado pelo próprio Deus. Não a natureza apontando para a natureza, mas o natural apontando de modo sobrenatural ao transcendente.

Mais recentemente, temos a compressão de McGrath acerca do tema, onde ele considera a leitura da realidade - semelhante a Rahner - a partir de um referencial transcendente como um dos objetivos da Teologia Natural e do acesso humano ao conhecimento de Deus não sendo inato ao homem, mas necessitado da revelação. McGrath não desconsidera o pecado como algo que ofusca ou desintegra o conhecimento do Senhor, no entanto, reitera que o pecado não aniquilou por completo a possibilidade da percepção de Deus por meio das coisas criadas.

O debate acerca da revelação natural de Deus para o homem é bastante denso e, em alguns aspectos, inconclusivo. Em parte, por alguns desprezarem a questão epistemológica ou considerarem o homem como regulamentador do seu próprio conhecimento e, então, de modo circular, não dar vazão ao debate. Outras, por encerrarem a discussão na pessoa de Deus e, por fim, colocá-lo como incognoscível.

Contudo, diante de toda a discussão, fica claro que Deus se revelou, e o que dele se pode conhecer foi por Ele revelado, que a própria natureza humana sem pecado

(encontrada em Adão e em Cristo) não pode conhecer a Deus plenamente pela própria finitude do homem criado e que, como criatura, sempre estará limitado em relação ao Criador. Mas essa é justamente a beleza da eternidade com Deus, onde eternamente aprenderemos acerca do Senhor com o melhor dos professores: Ele mesmo.

3 – O LIVRO DA NATUREZA: UM ESTUDO DE CASO

“Nós temos que compreender que a revelação de Deus à nós é a pessoa própria de Deus e a obra do próprio Deus. Todo conforto, todo poder, toda a verdade deste revelação depende do fato de que é com Deus que estamos tratando” (BARTH, Karl. **Dogmática eclesiástica**).

Conhecer a Deus é, de fato, um tema bastante denso e espinhoso em alguns aspectos. Mas, colocando em padrões sistemáticos, existe uma área de estudo da filosofia da religião que tenta de modo prático comprovar ou tenazmente supor a existência de Deus, essa é a Teologia Natural.

Apesar de ser outro campo de estudo bastante extenso, não pretendemos ser exaustivos na análise, o ensaio quer demonstrar apenas um comparativo entre os campos de estudos de Barth e McGrath e suas respostas às inquietantes “crises” da própria Teologia Natural. De todo modo faz-se necessário um rápido panorama histórico acerca desse aclamado campo de estudo.

Uma das noções mais antigas sobre Teologia Natural pode ser encontrada no idealismo platônico e sua noção acerca do mundo natural como um reflexo do mundo ideal e perfeito. Outra grande contribuição é a de Aristóteles ao concluir a existência do Motor Imóvel como a causa sem causa, argumento posteriormente retomado pelo escolástico Tomás de Aquino que em sua *Summa Theologica* demonstrou baseado na lógica aristotélica, que há uma concepção distinta entre natureza e graça e que o homem, pela razão, pode chegar ao conhecimento da existência de Deus, contudo, sem substituir a fé.

Mas, talvez a primeira referência crítica acerca do tema seja a de Agostinho de Hipona ao citar Varrão na sua obra *Cidade de Deus*, que devido sua influência epicurista, reduz os deuses apenas à esfera natural, ao *Physikos* ou *Naturalis* traduzido por Agostinho.

Assim como outros pensadores e filósofos, William Paley, com seu deísmo, defendeu a racionalização do homem a um ponto que o mesmo pode perceber a existência e ausência da ação atual de um Deus através da conhecida metáfora do relojoeiro. Outro que negou a necessidade de revelação, mas apelou à natureza humana foi Thomas Paine, que argumentou que as impressões digitais do designer natural são o que o homem chama de Deus.

Em qualquer esfera que a Teologia Natural tenha sido discutida, em sua gênese reside a comum preocupação de explicar o papel na natureza e sua relação com o conhecimento metafísico, buscando entender qual a conexão com o transcendente, não necessariamente relacionando-a com Deus, mas, em algum ponto, através da natureza, estabelecer contato com algo além do mundo natural.

Foi diante desse contexto que Karl Barth desenvolveu sua crítica a respeito da Teologia Natural. Em sua concepção, os erros dela estavam na comparação, função e em seus pressupostos básicos. Não é à toa que Barth enfatiza a questão de revelação como contraponto fundamental em comparação a Teologia Natural. Para ele, sem o advento do Verbo e sem a interferência sobrenatural de Deus - mesmo no chamado “Livro da Natureza” - era impossível conhecer a Deus ou algo acerca de Deus por alguma capacidade inata do homem.

4 – POR QUEM CONHECEMOS A DEUS

*“O que quer que possam ser e significar, as entidades às quais a teologia natural está acostumada a se relacionar não podem vir em consideração como revelação de Deus, como a norma e conteúdo da mensagem entregue em nome de Deus” (BARTH, Karl. **Dogmática eclesiástica**).*

Diante da Teologia Natural, Karl Barth propôs uma resposta em sua *Dogmática* acerca da aparente contradição enxergada por ele entre a capacidade inata no homem e a revelação divina. Para Barth, qualquer tipo de conhecimento de Deus exige mediação. É impossível ver a face de Deus e sua objetividade desvelada sem que o homem seja exposto a sua ira destruidora, pois, caso isso não ocorra, aquele que vê a Deus teria que ser outro ou alguém igual a Deus. Por isso, segundo Barth, sem Jesus Cristo (o mediador) não podemos dizer nada sobre Deus, o homem ou seus relacionamentos um com o outro.

Seguindo em seu argumento, a Teologia Natural para Barth seria a doutrina da união do homem com Deus fora da revelação de Jesus Cristo. Nesse ponto, esse tipo de ensino não nos encontraria numa posição neutra, mas sistematizaria em nós o conhecimento pré-adquirido, pois, para Barth, do ponto de vista da revelação, a religião é vista como uma tentativa humana de antecipar os benefícios do conhecimento e relacionamento com Deus que a revelação fará ou já fez. Assim, esse tipo de religião seria fraca e arrogante, pois cria no homem a ilusão de que ele pode fazer algo por si mesmo, limitando, em certo aspecto, a ação de Deus no homem e tornando-o vassalo da verdade.

Nesse sentido, portanto, a Teologia Natural erra quando ignora a necessidade de revelação e acaba por substituir o próprio evangelho. Uma vez que para Barth o evangelho não é uma verdade entre outras verdades, em vez disso, estabelece um ponto de interrogação contra todas as verdades, inclusive contra a própria Teologia Natural.

Ao comentar a perspectiva de Barth, outro grande teólogo contemporâneo, Jürgen Moltmann, comenta um erro de Barth e posteriormente um acerto seu sobre essa questão da Teologia Natural. Para Moltmann, Barth errou ao não perceber a diferença entre a Teologia Natural e a Revelação, uma não é a outra, e uma não se coloca em concorrência com a outra, nem torna a outra supérflua, mas a completa. Contudo, segundo o próprio Moltmann, posteriormente Barth acerta ao dizer que o conhecimento da autorrevelação de Deus não torna alguém sábio, mas bem-aventurado, e o conhecimento natural torna alguém sábio, mas não bem-aventurado, mas são necessários ambos para que o homem seja feliz.

Fica claro, portanto, que para Barth qualquer conhecimento que não passe pela revelação de Deus através de Jesus Cristo ou que seja uma autorrevelação do próprio Deus, de modo sobrenatural para o homem, não pode ser produzido por algo inato no homem a partir de sua observação do mundo natural. O imanente não pode romper o natural e chegar ao transcendente, mas o transcendente pode vir até o imanente e fez isso em Cristo Jesus, na encarnação do Verbo de Deus.

5 – DIANTE DA CRIAÇÃO E DO SEU CRIADOR

*“Eu creio no cristianismo como creio que o sol nasceu. Não apenas porque eu o vejo, mas porque através dele, vejo todo o resto” (LEWIS, C. S. **O peso da glória**).*

Vista como derrotada e apenas mencionada nos becos do cenário teológico recente, o estudo a respeito da Teologia Natural ganhou novos ares, principalmente pela boca e mãos de Alister McGrath.

Para McGrath, devido aos vários e imprecisos conceitos acerca de Teologia Natural, natureza e até mesmo conhecimento, uma reformulação e redefinição é necessária. A começar pela própria Teologia Natural, que se conceitua não como uma prova ou evidência da natureza que demonstra a existência de um Deus, mas trata-se de uma “ressonância” entre a maneira cristã de se olhar para as coisas e para o mundo a sua volta e sua relação com o próprio Deus. E através desse olhar “ressonante” é possível perceber a sabedoria de Deus como Criador do universo.

Em termos mais simples, McGrath define que o papel da Teologia Natural não se restringe somente a dar sentido ao mundo - o que já é de fato grande coisa - mas ver a coerência de toda a obra do Criador, aquele que ordenou o todo do universo à sua própria disposição de vontade, não atentando somente para cada parte em particular e procurando dar sentido especial a cada uma delas, mas observando que todas fazem parte de um quadro maior, como peças de um grande quebra-cabeça divino. Nesse tom, tanto um cientista que se debruça em pesquisas, experimentos e teorias formuladas pelo método científico, quanto um leigo e amante do mundo natural pode se deleitar com as maravilhosas obras do Criador expostas no grande quadro da criação. O livro de Gênesis nos deixa claro a atividade de governo que o homem deveria exercer sobre a criação de Deus. A imagem e semelhança em nós também delega essa responsabilidade de representatividade divina à toda a humanidade.

Também há certa importância apologética na Teologia Natural. Para McGrath, a Teologia Natural serve como instrumento de percepção do mundo sensível através da “ressonância” do Criador exposta claramente em sua obra. Certo destaque aqui é necessário: no capítulo dois e verso três do livro de Gênesis vemos a descrição final da obra dos sete dias em que Deus trabalhou na criação e a narrativa encerra com a seguinte

frase: “porque nele descansou de toda obra que, como Criador, fizera”. O destaque da criação de Deus direta e na operação dos sete dias nos leva a entender uma possibilidade de outros tipos de obra como a da própria redenção dos eleitos através de Jesus Cristo. Seria esse o desvencilhar da suprema revelação de Deus? Talvez uma amostra do que Karl Barth se referia ao tratar o Verbo como mediador para a correta compreensão de Deus?

A característica mais importante da Teologia Natural em sua serventia para a apologética é o fato de ser uma disciplina empírica e, nesse quesito, a leitura da realidade e busca pelo sentido se tornam pressupostos claros para o diálogo de cosmovisões, no exemplo da cosmovisão ateuista e naturalista que enxerga o mundo de modo fechado e sem nenhum referencial transcendente. Alvin Plantinga em seu mais recente livro¹ demonstra como essa cosmovisão é deficiente e limitada ao não explicar de modo claro a ordem e a coerência do universo. Já a cosmovisão cristã oferece um respaldo mais claro para o universo criado, explicando que sua ordem e propósitos podem ser vistos na criação, mas estão além dela, no próprio Ser de Deus.

Independente da interdisciplinaridade da Teologia Natural, fica clara a sua vasta gama de utilidades no estudo da natureza. É necessário, portanto, tratar de uma Teologia Natural Cristã e, nesse aspecto, fugir das perspectivas deístas e mal desenvolvidas. McGrath demonstra como a ressonância da criação, mas não a prova definitiva de Deus, e sim sua correspondência com o mundo criado, fornece pistas sobre o próprio Criador.

¹ *Ciência, Religião e Naturalismo* publicado em 2018 pela Editora Vida Nova.

6 – TEOLOGIA NATURAL CRISTÃ

“A natureza não confirma nenhuma proposição teológica ou metafísica (ao menos não do modo de que estamos tratando), mas ajuda a demonstrar o que essa proposição significa. E isso, dentro das premissas cristãs, não é acidental” (LEWIS, C. S. Os quatro amores).

A tentativa de produzir uma Teologia Natural cristã surge nas diversas abordagens dadas à mesma através dos séculos, assunto já tratado no início deste ensaio. Mas um dos principais problemas dessa questão é a motivação por trás disso: seria a tentativa de criar um significado para a realidade como fazem os construtivistas, ou descobrir o sentido a partir da análise do que está ao nosso redor? Para McGrath, o segundo parece mais acertado do que o primeiro. E, neste sentido, a busca pela “cristianização” da Teologia Natural não é uma tentativa egoísta de redimir a natureza, mas sim uma resposta a uma visão naturalista.

O grande interesse pela Teologia Natural surge em uma sociedade pós-kantiana que utiliza de meios para ler o transcendente ou dar vazão aos seus anseios e buscas por algo que dê sentido à realidade, mas acaba por não fornecer as respostas necessárias as mais violentas inquietações do homem. Nesse ínterim, brota a rejeição de Barth ao considerar que o advento da Teologia Natural surge como substituta da autorrevelação de Deus. Devido a isso, a sua abordagem recebeu críticas ferrenhas de outro teólogo. Emil Brunner respondeu às críticas de Barth dizendo que, segundo as Escrituras, a criação era o ponto de contato com a revelação de Deus e não uma substituta dela.

Posteriormente, quase como herança, McGrath desenvolveu uma nova abordagem parecida com a de Brunner, porém modificada em sua análise. Segundo McGrath, os limites da Teologia Natural são colocados pela própria criação e não haveria necessidade de temer, pois a leitura é feita a partir da obra de Deus. No entanto, uma questão que surge é: existe Teologia Natural Cristã? McGrath afirma que sim. Segundo o teólogo, a questão referente à racionalidade da fé cristã é um tema bastante atual, principalmente no ramo da apologética, que surge como uma resposta à neoteístas como Richard Dawkins.

Para McGrath, a grande preocupação de alguns - incluindo Barth - sobre a Teologia Natural é o pressuposto de que ela seria como prova da existência de Deus a partir da natureza, contudo, esse não é o propósito da mesma, pois se fosse esse o caso, Barth estaria

certo, para que serviria a Revelação? Mas não sendo esse o caso, McGrath explica que a revelação sempre vem primeiro e surge como lente para a leitura do grande quadro da criação de Deus. Nesse aspecto a Teologia Natural não provaria Deus, mas nos daria as ferramentas necessárias para olharmos para a natureza e vermos de modo nítido o propósito de tudo que foi criado por Deus.

A Teologia Natural Cristã, portanto, existe na esperança do desvendar divino, nos fornecendo a lente pela qual podemos ler a realidade de modo mais límpido e claro sem que haja uma inquietação existencial, pois, a cosmovisão cristã explica o que e o porque a criação é como ela é.

7 – UM PROBLEMA DE REFERÊNCIA

É perceptível que, diferente de Barth, McGrath não considera a Teologia Natural um método ou um campo de estudo problemático e sim uma porta e via clara para uma melhor compreensão da natureza criada e reconhecimento do plano do Criador. Talvez a principal diferença entre os dois autores esteja em suas abordagens acerca da revelação divina e do papel dela no conhecimento de Deus. Enquanto Barth considera que a Teologia Natural, por si, nega a necessidade da revelação de Jesus Cristo para o entendimento de Deus no homem, para McGrath não existe essa distinção tão aparente e a busca de sentido e ordem no universo nos leva a compreender os ecos de Deus.

Toda a questão e problemática apresentadas por Barth reside no momento e no referencial do teólogo ao discorrer sobre o tema. Para Barth, a Teologia Natural seria sinônimo de conhecimento de Deus sem revelação, uma espécie de telescópio apontado para o centro do universo esperando de algum modo achar um referencial transcendente dentro da realidade sem nenhuma ajuda, a não ser as lentes do próprio telescópio. Alguns poderiam dizer que o telescópio estaria com suas lentes quebradas ou que mesmo que estivesse perfeitamente operante, nunca seria possível alcançar o transcendente com suas lentes, mas Barth diria que se ele não olhasse para Cristo, que dá a visão ao homem, seria impossível conhecer a Deus.

Já para Alister McGrath, a Teologia Natural é uma área de estudo que analisa e mede a ressonância do universo, percebe a ordem e o sentido de modos únicos. É a fibra ou a ferramenta que a criatura usa para compreender a complexidade da criação e se

maravilhar com a obras do Criador. Para McGrath, falar de Teologia Natural Cristã não é estranho, pelo contrário, é necessário, pois a cosmovisão cristã é a que melhor pode explicar os pormenores do propósito do universo. Semelhante a um girassol que ao apontar para sol sobrevive pela luz que emana do corpo celeste, assim é nossa relação para com o Sol da Justiça e a leitura de todo o universo a partir da lente cristã.

Enquanto Barth rejeitava totalmente a ideia da Teologia Natural, pois a enxergava como uma doutrina que desconsidera a autorrevelação de Deus, McGrath entende que a Teologia Natural funciona como óculos para a leitura do livro da natureza, onde ela percebe a ação de Deus em sua criação e sua “digitais” por todos os lados, não negando a revelação específica contida em Jesus e nas Escrituras, mas a estendendo, pois como fundamentalmente explica McGrath, uma revelação não nega a outra, mas cada uma tem seu papel específico no plano do Senhor, sem negar o Verbo ou a criação.

É evidente que o presente ensaio não abrangeu todos os por menores sobre a questão da Teologia Natural e a Revelação cristã mediante a fé. Contudo, desde a gênese do projeto, o propósito do ensaio era realizar uma avaliação simples e comedida. De modo introdutório, o objetivo do ensaio foi mostrar uma visão clara sobre o que é a Teologia Natural na visão de Barth e McGrath e suas implicações e respostas aos possíveis dilemas ocasionados por ela.

O objetivo principal do ensaio foi explicar sinteticamente a epistemologia divina e a condição da Teologia Natural ao ir de encontro com a capacidade do homem, seja por limitação natural (própria natureza humana) quanto espiritual (realidade do pecado no homem), focando nos conceitos fundamentais, nas posições centrais e realizando um breve histórico acerca do tema, buscando fornecer uma resposta sobre o aparente conflito da Teologia Natural com a fé.

A Teologia Natural é um campo de estudo vastíssimo e se faz necessária uma análise mais profunda sobre temas pouco tratados no ensaio, que talvez, em outra oportunidade possam ser mais comentados, como: análise mais profunda do significado de Teologia Natural em Alister McGrath, sua aplicabilidade na comunidade cristã e na sociedade em geral, bem como quais as consequências na pós-modernidade.

Em síntese, a Teologia Natural não é um estudo que devemos temer ou que não possa ser útil à nossa fé, pelo contrário, corretamente empregado é de excelente serventia

à compreensão do mundo e ainda mais à apologética cristã, fornecendo assim uma ponte de contato com as demais disciplinas científicas relacionadas a Teologia, funcionando como um eco dos planos de Deus na nossa realidade.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 2048 p.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e Cosmvisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PLANTINGA, Alvin. **Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito?** São Paulo: Vida Nova, 2018, 320 p.

FERREIRA, João Cesário Leonel. Jesus, Herodes e os Magos: Uma interpretação histórico-literária de Mt 2.1-12. **Fides Reformata**, São Paulo, v. XI, n. 1, p. 31-50, nov. 2004.

BARTH, Karl. **Dogmática Eclesiástica: uma Seleção com Introdução de Helmeut Gollwitzer**, São Paulo: Editora Fonte, 2017, 406 p.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Natural: uma nova abordagem**, São Paulo: Vida Nova, 2019, 368 p.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia natural: pressuposto ou futuro da teologia da revelação?** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/509881-teologia-natural-p-suposto-ou-futuro-da-teologia-da-revelacao-artigo-de-juergen-moltmann>>. Acesso em: terça-feira, 19 de novembro de 2019.